



TEATRO NA PAISAGEM

**Jaime Rocha
Catarina Barros
José Manuel Batista
Ana Freitas**

**POESIA UM DIA 2016 | 5ª EDIÇÃO
BMJBM VVR**



Texto introdutório

‘Que este ofício do teatro é, ou vai sendo, para tantos, já mais vida que trabalho’.

- Rui Guilherme Lopes

teatro e comunidade, assim seria sempre. em frente deste rio, em cima destas pedras. o chão que foi ficando depois de abertas as Portas, de Ródão, escritas - *Poesia, Um Dia*. agora, depois do trabalho que se foi fazendo. ensaiando sempre

sou um actor, falo, esta é a minha marcação que eu desenvolvo, trabalho. venho aqui diante de vós, para daqui vos falar, disseram-me e eu venho fazer o meu trabalho, faço o que sei. trago suados os cabelos, os nervos, húmida a vida, a consciência tremida pelas noites em que penso os dias que hão de vir, e eu, frágil, destituído sempre, afastado dos que são, percorri o caminho que me fez chegar aqui onde estais vós. digo e é quase tudo

existe tanto frio dentro dos corpos que somos hoje, a vida que era tornou-se verdade suja apodrecendo manhãs, as mãos os braços que não temos, não tivemos nunca meu amor, tão longe sempre de ti que não seguro o tempo que me falta meu amor. digo, cumpro a minha marcação, e a voz extingue-se, emudecidos os impulsos resta-me o medo que nenhum império venceu. disseram O TEATRO SEMPRE MAIS VIDA QUE TRABALHO. a chuva, nas mãos as cordas que me prendem, do outro lado a morte que me fala, a mim, a ti, a tantos, a morte seca: *as rosas não têm cor do outro lado. as rosas não são rosas* não são rosas, diz-nos. seco é o deserto e bebemos ainda a água que por lá não existe

mordemos o que somos. ao pó voltaremos, disseram. servidões é o que vamos sendo. tanto

e de nós alguma coisa fica. sim, persiste

Mário Trigo



AS DUAS FALAS DE ORTOV
seguido de
O LIVRO QUE ORTOV ANDA A ESCREVER

Jaime Rocha



As Duas Falas de Ortov

Jaime Rocha

1.

Acontece-me Sempre isto em Setembro

Hoje deu-me para aqui,
acontece-me sempre isto em Setembro.

Desde manhã que estou sentado num banco de pedra,

vivo ali perto, na aldeia,

e fico lá a olhar para as ervas,
a vê-las a crescer, a crescer
e eu a escrever, a escrever.

Às vezes é também em Maio,
sempre o mesmo banco de pedra,
no mesmo banco, já coberto de musgo,
com o frio a subir-me pelas costas,
mas gosto,
eu a escrever, a escrever, as palavras a virem,
eu sinto quando as palavras querem sair da cabeça.
Vejo-as a descer pela testa até à boca
e a dizerem,
elas mesmo a dizerem assim,
para mim, tudo para mim,
aliás, também para os pássaros,

- *Olha Ortov, vê, nós somos as palavras.*

E eu,

- *Sim, eu sei, vá lá, saiam.*

E elas, assim de jacto, pum.

Já me aconteceu, desta vez em Março,
no meio das palavras,
uma pulga saltou-me para o ombro,
este, o direito,
uma grande comichão e eu, trás, uma pancada

e ela, zuta, saltou-me para a cova do braço.
Levantei-me a coçar, tudo eu era corpo,
sacudi o braço e ela, zuta, para a barriga.
Despi a camisa, era Março.

Eu vivo ali perto, na aldeia.

E nada,
a gaja desceu e meteu-se nas pernas,
primeiro na esquerda, esta, depois na outra, esta,
tirei as calças.

- Ai é, estás-te a rir.

Zumba, trás, trás, pancadas, umas a seguir às outras.
A pedra pareceu-me ainda mais fria.

Eu vivo ali perto, na aldeia.

Senti um aroma magnífico, devia ser do pão,
vinha da terra, um cheiro misturado de avelãs,
eu já estava nu, não via a pulga,
percorri o corpo todo,
estava vermelho das pancadas
e novamente aquela coisa,
as palavras a quererem sair, umas atrás das outras
e eu já a bater com os pés no chão,
a ver quando é que a pulga se ia embora.

Então,
corri até ao rio e atirei-me
e vi a pulga a ir pelo rio abaixo, a flutuar,
feliz como um barco, até à outra margem,
à descoberta de um mundo novo,
cheio de palavras novas,
de outra gente a falar línguas diferentes.

Ah, isso é que foi, eu a vê-la,
a ir pelo rio abaixo, com o meu sangue, ainda gritei,

- Para onde levas o meu sangue.

Mas acho que ela não me ouviu.
Eu vivo ali perto, na aldeia, com as palavras.

Acontece-me sempre isto em Setembro.

2.

O Encantador de Formigas

É sempre assim,
até parece que elas surgem do nada.
Mas não, é por minha causa,
ficam à espera à beira da estrada.

- Ele nunca mais vem.

Mas eu chego, chego sempre,
venho pela berma,
a olhar a vegetação e os pardais,
ao longe as ovelhas e os patos na água,
as andorinhas naqueles voos dançarinos
e as cegonhas,
os grifos não,
esses andam lá mais para baixo no rio,
nas encostas,
junto à torre dos Templários.

*- Ele nunca mais vem, gritam elas,
este Ortov é uma desgraça.*

Mas eu venho, chego sempre.

Então é a barafunda do costume,
eu a mandar parar os carros até a cancela encerrar
e o comboio passar.

Faço assim,
levanto os braços,
às vezes só um e os carros param,
uns atrás dos outros
e apitam, bá,bá,bá, pó,pó,pó,

E eu,

- *Já vos atendo.*

Ponho-me no meio da estrada,
dou o sinal

e elas iniciam aquela marcha, aquela corrida infernal, em fila, atravessam o
alcatrão de um lado ao outro e eu, vá lá, mexam-se e elas seguem umas atrás
das outras, um tanto amedrontadas, sem ligar aos carros e às pessoas e eu a
ouvir,

- Oh, marreta sai daí, estás bêbado ou quê?

E eu nada, e eles,

- *Vai trabalhar...*

aquela coisa...a tua mãe..a tua tia,
mas eu nada, bico calado,
naquele momento do dia que eu gosto,
naquela utopia,
a dizer a mim mesmo,

- *Ortov não fales, pensa,
pensa nas palavras, não fales,
quanto mais falas mais asneiras,
só gestos.*

Como se estivesse a falar com os carneiros,
com as cabras
e na tua cabeça os sons,

- *Xô, xô, ah cabrito, sacana, ala, ala, xô.*

Nós nisto, os carros e eu,
e as formigas felizes a atravessar a estrada,
naquela coisa de transportar bichos mortos às costas,
bocados de pão, bagas, joaninhas, tudo,

- *Ah, joaninhas!*

Então não é que uma veio poisar no meu ombro,
neste aqui, o direito,
sempre o mesmo, e eu para ela,

- *Hoje não, estou ocupado com as formigas.*

E ela,

- *Deixa-as, olha para mim.*

- *Agora não posso, joaninha, linda, linda.*

E ela,

- *Okey, está bem.*

E mordeu-me no pescoço,

uma mordidela fina, uma dorzinha, mas eu sei que é um beijo, sim porque eu conheço as joaninhas, o trabalho delas a comer os mosquitinhos atrevidos que andam por cima da erva.

- *Vá, lá, joaninha, deixa-me.*

E os carros e as pessoas,

- *Oh macaco em pé, sai daí.*

E eu nada,
a contar as formigas,
mil e trezentas,
três mil e quatrocentas,
nove mil e seiscentas,
cinquenta mil,
um milhão duzentas e cinquenta e três.

E pronto, uf,
já tinham passado quase todas.
Então,
mando os carros avançar
no preciso momento em que a cancela fecha
para o comboio passar,
tudo estudado,
só para os chatear
e os carros e as pessoas, piores de que uma barata,
percebem que vão ter que esperar mais meia hora.

Limpo o suor da testa,
espreguiço-me,
despeço-me das últimas formigas,

- Até amanhã.

E elas,

- Obrigado Ortov, obrigado.

E lá vão até à aldeia
enquanto eu sigo pela berma da estrada
a contemplar os montes e o riacho lá em baixo,
a ver as palavras espalmarem-se nos pinheiros,
nas oliveiras, naquelas árvores todas,
no vale, nas encostas,
tudo coberto de palavras,
como se fossem lençóis brancos.

Lá vou pela berma da estrada,
satisfeito comigo mesmo
e com as minhas amigas formigas.

É sempre assim, elas ficam à minha espera
e eu venho, venho sempre,
ajudá-las a atravessar para o outro lado da estrada.

FIM

O livro que Ortov anda a escrever

Jaime Rocha

Personagens

Preciosa

Serafim

Ortov

Quadro I

Serafim e Preciosa em casa.

Preciosa - Está ali um senhor que quer falar contigo.

Serafim - Diz que não estou.

Preciosa - Mas ele insiste.

Serafim - Não quero saber, diz que agora não.

Preciosa - Não tinha um braço.

Serafim - Porque não disseste?

Preciosa - O que tem?

Serafim - Se eu soubesse que tinha só um braço, sabia logo quem era e claro que o tinha recebido.

Preciosa - Porquê?

Serafim - Só com um braço deve ter coisas para dizer, qualquer coisa, uma história da vida dele, um tiroteio, uma guerra, um assalto.

Preciosa - Se quiseres vou chamá-lo, ainda o devo ver ao fundo da rua.

Serafim - Deixa estar, haverá certamente outras ocasiões. Vá, vamos jantar.

Preciosa - Jantar o quê?

Serafim - Essa agora.

Preciosa - Sim, o que queres tu jantar, se não há nada para comer?

Serafim - O que andaste tu a fazer o dia todo?

Preciosa - A costurar.

Serafim - Porra, não chega já de rendas e de cortinas? Mas o que tens tu?

Preciosa - É para fora.

Serafim - Ó deus me livre, primeiro estão as costuras e só depois o jantar. Vou ler o jornal.

Preciosa - E eu vou ver se arranjo uma sopa.

Serafim - Mas ouve lá, era o braço esquerdo ou o direito?

Preciosa - Que importa, era um dos braços.

Folheia o jornal. Batem à porta.

Preciosa – Aqui está o teu amigo maneta.

Ortov – Então Serafim, como estás, trago aqui uns repolhos e uns nabos que me deram.

Serafim – Está bem, obrigado. Diz lá.

Ortov – Estou a escrever uma coisa daquelas que tu sabes, queria que ouvisses, já que és o meu melhor amigo.

Serafim – Embora a isso.

Ortov – Lá vai.

Lê.

Um homem de muletas, com um pé partido, é a atracção do bairro. Toda a gente se preocupa com ele e lhe deseja as melhoras, Etc. As pessoas vão morrendo e ele vai ficando. Já cansado, tira as muletas. Era uma mentira. O bairro viveu aqueles anos todos a dar-lhe esmolas, a alimentar aquela mentira. O homem afinal era um aldrabão. Ninguém sabe responder quando é que ele chegou ao bairro. Primeiro era visto como emigrante, depois como refugiado, depois como polícia secreto, depois como pedófilo. Outros achavam que era um ex-político, um assassino ou um indignado. Ninguém sabia ao certo porque ele não falava. No fim de contas era um vigarista, um homem que não tinha onde cair morto.

Ortov – Então?

Serafim – Acho bem, há que continuar. Mas isso é a história que queres contar, não é o texto propriamente dito.

Ortov – Sim, claro, achas que vão comprar?

Serafim – Acho que sim, se se trata de um vigarista, os jornais vivem disso.

Ortov – Obrigado, és um amigo.

Serafim – Mas atenção, não podes falar do Aluísio, aquele desgraçado que ficou sem uma perna num acidente lá na fábrica. Aliás, peço-te, não convém falar na fábrica. Como sabes a Preciosa ainda lá trabalha. Podes descrever a cor do rio, os peixes mortos, os lagostins, essas coisas assim.

Ortov – Não, nem pensar. Tudo o que disser, ou seja, não sou eu que digo, eu apenas escrevo. Quem o diz é a personagem. Mas pronto, ponho uma nota a dizer que o mal vem de Espanha. Não te preocupes.

Serafim – Obrigado, também eu digo, és um amigo.

Ortov - Já agora, tens pescado alguma coisa?

Serafim – Nada, zero, os peixes fugiram daqui, é como as pessoas, vão não sei para onde, como se esta terra não fosse a mais linda que o Tejo pariu.

Ortov – Isso é que é falar. Bem...

Ortov sai.

Serafim – Coitado do homem, desde que foi despedido, pensa que é escritor.

Preciosa – Coitada é de mim.

Serafim – Ele só subiu à chaminé. Deu-lhe uma coisa. Disse que se conseguisse ir lá cima com um abanador, o fumo iria desaparecer num instante, como dá cá aquela palha.

Preciosa – Foi pena, talvez assim não cheirasse tanto.

Serafim – Lá está tu. Não digas isso alto. Não o despediram por essa razão, por ter tentado subir. Até o salvaram de uma morte certa.

Preciosa – Então porquê?

Serafim – Por ter tapado a cara com um pano. Foi uma afronta, foi o mesmo que dizer que aquele fumo faz mal à saúde quando toda a gente sabe que não. Já vieram peritos dos Estados Unidos, da Itália e do Japão. Todos disseram o mesmo e em público: Vão à China e logo vêem ou então à Rússia, a Chernobyl. Aquilo sim, mata qualquer um.

Preciosa – Não sei porque estás agora a falar disso. Até parece que trabalhas lá. Se fizesse mal eu já não andava aqui.

Serafim – É o Ortov, mete-me pena, maneta a ter que escrever com a mão errada, a mesma com que faz a comida e vai à casa de banho.

Preciosa – Então e eu, não faço tudo com a mesma mão?

Serafim – Mas ele não é canhoto e agora tem que o ser à força.

Preciosa – Então e a mulher com quem ele anda metido, não conta para nada?

Serafim – Qual mulher?

Preciosa – Então não sabes? Aquela que trabalha na fábrica e que tem um cão só com um olho?

Serafim – Lá vêm os cães e as doenças, não sabes falar de outra coisa. E o jantar quando é que está pronto?

Preciosa – Acalma-te, homem, os nabos estão a cozer.

Quadro II

Batem à porta. De novo Ortov.

Serafim – Então, esqueceste-te de alguma coisa?

Ortov – Vou-te contar esta, não imaginas.

Serafim – Mas eu vou jantar, não sentes o cheiro a nabos?

Ortov – Está para além da compreensão humana. Um gajo que vive nos Olivais, em Lisboa, desapareceu durante três meses. Quando regressou relatou o que lhe sucedeu. Dois polícias bateram-lhe à porta de casa e perguntaram: o senhor chama-se Benjamim? Sim, e é motorista de táxi? Sim. Então, um dos polícias disse-lhe, o senhor tem que vir connosco. E ele, então porquê? E o polícia respondeu, porque o senhor está louco e tem que ser internado. Louco? Sim, tem que vir connosco, recebemos um mandato do juiz. Mas eu

nem sequer médico tenho e não entro num hospital há mais de três anos, respondeu ele.

Serafim – Essa está boa. Então e o gajo não barafustou?

Ortov – Ficou surpreendido, sem saber se estava a sonhar ou coisa parecida. O polícia mostrou-lhe um papel, assinado por dois médicos, que dizia que ele sofria de perturbações delirantes, cleptomania e de fraca autoestima com possibilidade de entrar em histeria permanente e vir a matar algum vizinho, nomeadamente o presidente do clube com quem se tinha desentendido por causa do pavimento da rua em que vivemos que está sempre a ser aberto e fechado, sempre em obras, precisamente desde há três anos.

Serafim – Mas isso é mesmo verdade ou é para o teu livro?

Ortov – É verdade.

Serafim – Então e ele?

Ortov – Ele teve que ir. Ainda disse que ficava assim por causa das descargas de uma fábrica de chapéus ou de pilhas para rádios, não sei, mas que nunca iria fugir para outra terra. Ali era o seu mundo e que seria o último a abandonar aquele sítio, nem que virasse um deserto autêntico. Como o Colorado, disse ele. Os polícias não estavam a perceber. Um deles até respondeu. Deixe lá o senhor Colorado que não fez mal a ninguém. Já viste?

Serafim – Mas se estava escrito nos papéis que ele estava louco.

Ortov – Qual louco! Ele apenas sofre dos pulmões. Já teve sarampo, urticária, hemorroidas, gota, e uma vez até cortou uma unha do pé, mas fora disso nada que dê a entender que está louco, está bem que há meses deu uma machadada na cabeça do presidente do clube, mas isso foi por causa de um caminho que queriam abrir junto à casa dele, um esgoto. O homem esteve três semanas no hospital, mas toda a gente achou bem, o gajo estava a pedilas, andava a vangloriar-se que tinha um carro à disposição e podia ir até à Figueira da Foz ou a Setúbal nem que fosse para almoçar. Ora se ele vive nos Olivais para que é que tem que ir tão longe para comer.

Serafim – E ficou bom?

Ortov – Usa uns parafusos no alto da cabeça, parece que lhe afectou a vista, mas tirando isso, faz a vida dele.

Serafim – Esse Benjamim não é seguro, podia matar o homem.

Ortov – Podia, mas não matou. E se matasse não significa que é louco. Seria acusado de assassínio, seria um criminoso, mas não louco.

Serafim – Ia preso.

Ortov – Claro e até podia matar mais uns quantos lá dentro. Nada indicaria que está louco. Louco é outra coisa, por exemplo, comer na retrete e fazer no lavatório ou dormir do lado de fora da porta de entrada ou varrer o lixo para cima da cama. Agora, matar o presidente do clube ou um chefe das Finanças, isso não é loucura. O mais que pode ser é raiva, vingança, tédio.

Pausa

Serafim – Pergunto-me, como é que vais escrever isso tudo e criar o ambiente em que ele vive? Conheces os Olivais?

Ortov – Não, mas achas que é preciso conhecer os Olivais para escrever um livro. Qual é a tua?

Serafim – Não sei, nunca escrevi um livro, mas se escrevesse gostava de ver o sítio, se tem árvores, o tamanho das casas, os toldos dos cafés, os armazéns, se tens fábricas, campos de jogos, tudo isso.

Ortov – Ó Serafim, ouve-me, ouve-me bem: é tudo a mesma coisa, casas, carros, semáforos, ruas, candeeiros, pessoas, cães, lojas, é tudo o mesmo, tanto faz ser aqui como ali.

Serafim – Mesmo assim, eu ficava mais seguro. Olha o Camões, achas que ele escrevia aquele calhamaço se estivesse sempre metido numa taberna em Lisboa? Ou o Bocage, se não tivesse vivido em Setúbal? Imagina que o Bocage tinha vivido em Amarante ou em Elvas, achas que seria a mesma pessoa.

Ortov – Porra, Serafim, eu estou a falar de uma coisa diferente, da loucura, da polícia, do deserto, da fábrica e tu vens com o Camões e o Bocage. Eu quero lá saber, até podes falar no Dom Quixote ou no Kansas City. Eu vou escrever o que se passa aqui à nossa frente, na nossa rua, falar daquilo que os vizinhos não falam.

Serafim - Essa agora!

Ortov – Sim, pá, do medo. Eu vou escrever sobre como estes gajos se borram todos quando eu ando para aí aos gritos a dizer que vou matar o presidente do clube.

Serafim – E tu a dares-lhe com o presidente do clube. Deixa lá o homem.

Ortov – É uma maneira de dizer, Serafim, tu não vês que eu sou um escritor, que invento coisas, que escrevo aquilo que tu não enxergas, nem tu nem a tua Preciosa, nem ninguém daqui do bairro. Não vês que anda tudo como medo de morrer de um momento para o outro. Este livro é uma esperança para a humanidade, vais ver. Até a fumarada vai desaparecer como por encanto e os peixes do rio hão-de vir por aí aos saltos até às nossas mesas.

Serafim – Bem, se tu o dizes. (*Para a mulher*) Preciosa, então esse jantar, esses nabos já estão cozidos?

Preciosa – (*Entra*) Está mais que pronto, mas não queria incomodar estava à espera que acabassem o livro.

Ortov – Dona Preciosa, eu estava de saída. O seu marido ajuda-me muito nesta missão. A senhora não sabe o marido que tem. (*Sai*).

Preciosa – Não sei como consegues aturar este Ortov.

Serafim – É um escritor, tem um dom, não vês como fala e aquelas histórias que ele inventa.

Preciosa – É mas é maluco, gente desta anda por aí aos montes. É só ir à cidade e é vê-los pelas esplanadas pelos jardins. Todos escritores. Quando fui ver a tua mãe a Lisboa só entre o Rossio e o hospital Miguel Bombarda encontrei para aí uns quarenta.

Serafim - Não sabes o que dizes. O Ortov é um senhor, um homem com estudos.

Preciosa – Não sei para que foi os estudos.

Serafim – Estudou naqueles livros do Ambiente, da Natureza e até sobre os lincos ele sabe muita coisa. O que o desgraçou foi vir logo cair nesta guerra das fábricas e dos rios, dos fumos que vêm de Espanha pelo ar.

Preciosa – Tu também estás é a ficar maluquinho.

Serafim – Só se for dos nabos que metes na sopa.

Preciosa – Olha, às tantas...

Quadro III

De novo Ortov em casa de Serafim e Preciosa.

Preciosa – O senhor vem sempre à hora de jantar. De certeza que não quer comer nada?

Ortov – Obrigado, dona Preciosa. Eu deixei de comer. Só bebo. E estou com pressa.

Preciosa – Nesse caso, vou lá dentro.

Serafim – O que foi Ortov, aconteceu alguma coisa, parece que viste um lobo.

Ortov – (*Mexe no bolso*) Pior. Sabias que a fábrica vai fechar?

Serafim - Não. A minha mulher não me disse nada.

Ortov - Não me digas que não sabias.

Serafim - Estou-te a dizer que não.

Ortov - Não acredito.

Serafim - Porra, já te disse que não sabia.

Ortov - Okey, pronto, não precisas de gritar.

Serafim - Não estou a gritar.

Ortov - Ah, isso é que estás.

Serafim - Foda-se, hoje ninguém te atura.

Ortov - E o que é que tu queres, se te estou a dizer que a fábrica vai fechar...

Serafim - Pronto, está bem, a fábrica vai fechar e o que queres tu que eu faça?

- Não sei, que digas alguma coisa, que te zangues, que te indignes, sei lá, que digas que não pode ser, que não é verdade, qualquer coisa para eu me acalmar.

Serafim - Então vou-te dizer, ouve bem, estás a ouvir?

Ortov – (*Mexe no bolso*) Estou.

Serafim – Estás sempre a mexer no bolso, deves ter aí o quê, alguma granada?

Ortov – Não, nada. Ias a dizer...

Serafim – Ouve-me, ouve isto que te estou a dizer, a fábrica não vai fechar. Repito, a fábrica não vai fechar.

Ortov - Mas como sabes tu que a fábrica não vai fechar?

Serafim - Porque sei.

Ortov - Como?

Serafim - Cheira-me.

Ortov - Cheira-te?

Serafim - Cheira-me.

Ortov - A mim também me cheira, mas é a outra coisa.

Serafim - Não me venhas com essa história outra vez. Eu alimento-me daquele cheiro, um aroma que já faz parte de mim, já o fez do meu pai e do meu tio, é uma coisa que está metida na nossa pele. A fábrica não pode fechar.

Ortov - E porque não?

Serafim - Porque morreríamos todos, perdíamos o oxigénio, não conseguiríamos respirar. E esta terra transformar-se-ia num deserto.

Ortov - Ainda mais?

Serafim - Ficaríamos asfixiados, como se chegássemos de repente ao cimo de uma montanha do tamanho do Everest.

Ortov - Tu não acreditas no que estás a dizer.

Serafim - Não acredito eu noutra coisa.

Ortov - Então achas mesmo que a fábrica não vai fechar.

Serafim - Positivo. Mas que porra tens tu aí no bolso?

Ortov - Não é nada, comichão. E que provas tens tu disso?

Serafim - Os meus contactos na Europa.

Ortov - Ah, ah, os teus contactos.

Serafim - Sim, isso mesmo.

Ortov - Mas tu não vais para além das bombas de gasolina, não conheces ninguém a não ser quem mora entre o cais e os Bombeiros.

Serafim - E chega-me, estás-te a esquecer que há uma estação de comboios, um posto dos Correios, um supermercado, uma biblioteca, um lar da Terceira Idade, um...sei lá que mais, uma farmácia, um banco, uma esplanada...um museu...o que queres mais? As coisas sabem-se, as pessoas falam. Ou achas que é preciso ir a Lisboa para se saber o que vai pelo mundo, o que a Europa pensa de nós. Achas mesmo que estamos para aqui sozinhos, isolados, a ver o rio passar?

Ortov - Acho, acho isso mesmo. Acho que ninguém quer saber de nós. Desde que não lhe falte o papel.

Serafim - Não, o papel não vai faltar. A Amazónia é grande de mais, nem no tempo dos nossos bisnetos as árvores vão acabar.

Ortov - Ena, onde tu já vais, na Amazónia. Não se pode falar contigo.

Serafim - Tu é que começaste.

Ortov - Eu? Agora a culpa é minha.

Serafim - É, andas sempre com essa paranoia de que a fábrica vai fechar,

não pensas noutra coisa. Mas que raio tens tu aí no bolso, deixa cá ver.

Ortov – Está quieto que me estragas isto.

Serafim – Isso o quê?

Ortov – (*grita*) Dona Preciosa venha cá ouvir.

Tira do bolso um gravador. Ouve-se a primeira fala:

«O senhor vem sempre à hora de jantar. De certeza que não quer comer nada?»

Serafim – Então era isso, estiveste a gravar a conversa toda.

Ortov – Exactamente, é a minha maneira de escrever. Está aqui tudo, só falta passar para o papel. Eu sabia que me irias ajudar a escrever este livro.

Serafim – Então aquilo da fábrica ir fechar é tudo uma invenção tua?

Ortov - Tudo. Eu tinha já a minha parte escrita aqui na cabeça, só me faltava as respostas da outra pessoa e tu foste um amigo, disseste mesmo aquilo que gostava de escrever e não conseguia. Como vês, não precisei de ir aos Olivais. As palavras estavam aqui todas, em tua casa.

Serafim – (*Para a mulher*) E tu sabias disto?

Preciosa – Eu? Sabia lá, isto é um dom que o senhor Ortov tem. Põe as pessoas a falar e já está, livro pronto.

Serafim – E vai vender?

Ortov – Vamos ficar ricos. Até os peixes hão-de vir por aí...

Serafim – ...por aí aos saltos até às nossas mesas.

Ortov – Isso mesmo.

Preciosa – Tem a certeza que não quer uma sopinha?

Ortov – Não, obrigado, estou com pressa.

Serafim – (*Com folhas de papel na mão*) Espera aí. Agora tens tu que me ouvir. Isto já eu tenho escrito há muito.

Serafim e Preciosa acompanham Ortov à porta.

Serafim – Um dom que este homem tem.

Preciosa – Um grande escritor digo-te eu. Ainda hão-de ouvir falar dele.

Sentam-se para jantar.

Preciosa – É muito bonito o que tu escreveste.

FIM

SUPERNOVA

Catarina Barros



SUPERNOVA

Catarina Barros

Laura: Quando ele me chamou para ir viver para casa dele, porque era melhor, porque saía mais barato, porque me podia ajudar, eu abandonei a minha casa, ofereci os meus móveis, que não cabiam na casa dele, e mudei-me. Mais tarde, quando ele me disse que devíamos mudar de cidade, eu abandonei a minha cidade, como de cada vez que ele me dizia, anda dormir, já é tarde, eu me levantava da mesa da cozinha e ia dormir, e abandonava o meu trabalho, que não cabia no nosso quarto, e mudava-me. Nem sempre conseguia adormecer.

Certa noite, fui pela calada descobrir a minha voz: ateia a pinha, acende o cigarro. Eram sempre ordens. Nunca me foi fácil cumprir. Certa vez tive que ficar de cócoras em frente ao lume até à última labareda. Quando o fogo fura o tabuado, a madeira geme e expele um líquido efervescente antes de se cobrir de negro. Pensei: deverei cobrir a cabeça de cinza? Estava pronta para reconhecer que havia um momento certo para cada coisa. Pronta para comprometer cada manhã seguinte.

Porque é que tudo se torna importante pela razão que não previ? Turbenthal, por exemplo. No Verão passado saí de casa para registar quinze factos assinaláveis sobre Turbenthal mas, quando cheguei à rua, não vi nada. Telhados negros. Uma camisola de motivos floridos. Uma bicicleta branca. Nada. Julguei que o mundo se tinha tornado fundo. Já não tenho idade para me afligir com estas descobertas, nem para me alegrar. Regressei a casa com a questão do pensamento, a questão do meu próprio pensamento, resolvida. Detalhes, minúcias, sinais – isso não é para mim. Dêem-me antes uma planície amarela, que eu nunca mais me esqueço da luz. Grandes planos, a América, o Sertão. Deve ser por isso que vim viver para Turbenthal. É que eu sou toda the bigger picture. Tipo Terrence Malick nos piores dias. E depois... Depois já se sabe. Mas também quem é que sobrevive sem furar os olhos? A culpa não é dos lugares. Turbenthal é Turbenthal é Turbenthal. E eu?

(Ernesto entra. Na minha cabeça pode ter uma pronúncia alemã, na tua não sei.)

Ernesto: Que cara é essa?

Laura: Não sei, hoje ainda não me vi ao espelho.

Ernesto: Conseguiste trabalhar?

Laura: Nem por isso. Há sempre tantas coisas para fazer. Às vezes só queria ser uma pessoa normal, com um emprego normal, uma pessoa sem remorsos.

Ernesto: Eu não tenho remorsos.

Laura: Eu sei. Mas também não és normal.

(Como é que Ernesto reage? Pode rir-se, pode ficar sério. Na verdade, tanto faz.)

Laura: Lembras-te da mensagem que te mandei, quando estavas de férias

na praia? Não me lembro do que escrevi mas não me consigo esquecer das luzes da Fontes Pereira de Melo. Não me lembro da tua resposta, mas ainda consigo sentir a impressão que me causou. Isto é um detalhe ou um grande plano? Não consigo perceber.

Ernesto: Dizias que estavas doida por mim.

Laura: Não dizia nada.

(silêncio?)

Laura: Isto é tão violento.

Ernesto: O que é que é violento?

Laura: A NATUREZA.

Ernesto: Estás arrependida de ter vindo para Turbenthal?

Laura: Não.

Ernesto: Então não estou a perceber qual é o problema.

Laura: O problema sou eu.

Ernesto: Pensava que o inferno eram os outros.

Laura: Isso era dantes.

Ernesto: Queres voltar para lá?

Laura: Não, acho que prefiro ficar aqui.

(Ele senta-se. Ela lê em voz alta, a partir de um livro, de um caderno ou de um tablet. À medida que lê, vai comentando.)

Laura: Vim para Turbenthal mas podia ter ido para a praia ou para a neve – tudo menos um emprego, a segurança social, o IRS, o passe do metro, o mau humor matinal, o Pingo Doce que não aceita multibanco quando já só tenho nove euros na conta, os amigos a toda a hora, os saldos da H&M, o Lounge, sempre o Lounge, e a manhã depois do Lounge, a novidade datada, as bandas, o site do Público, os quartos interiores, chegar tarde, sair cedo, dormir nunca. Vim para Turbenthal para saber o que é estar vivo quando não se faz parte de nada, quando se está entregue a si mesmo, quando nada de exógeno preenche o vazio do valor. Vim para para saber quem sou. (NÃO ESTÁ A RESULTAR)

Xavier de Maistre viajou à roda do quarto, Dorival Caymmi fazia grandes caminhadas dentro de casa, eu própria vivo num dojo e o meu corpo é o Japão. Que alívio, não ter à mão ouvidos para narrativa alguma. Quando deixei de ouvir a minha própria história fui-me tornando capaz de transformá-la. Interminável, secreta, em permanente actualização – e que bom nunca mais ter de pôr pedra sobre assunto algum. Vim para aprender que devemos fazer aquilo que temos para fazer quando estamos prontos para deixar por fazer tudo o que queríamos ter feito. Vim ser absolutamente vital: hoje isto, amanhã aquilo, a cada momento o que o momento quer, aqui e agora, agora e sempre, ámen. Interessei-me pelas plantas, ganhei o hábito de cuidar delas. Agrião tornava-

-se enfim qualquer coisa que transcendia o texto: era aquilo que era e só na fronteira disso é que eu poderia falar. Foi deste modo que deixei de me querer explicar. (NUNCA, JAMAIS!)

Já não agarro nas coisas com as pontas dos dedos, não tenho medo de rasgar as arestas. Dizem que o toque é uma ilusão, que há um campo magnético entre nós e o resto. Não poderes entrar em mim – a nossa inexorável intransponibilidade – é razão suficiente para que eu não mexa no que é teu. Estamos votados à superfície invisível das coisas, nenhuma invasão é real. De que comunhão poderemos participar, pergunto-me, quando só há parte de fora? (ADIANTE)

Vim para Turbenthal para destruir a confiança política, a auto-confiança, a crise de confiança, o intervalo de confiança, a marca de confiança, o contrato de confiança, a imobiliária confiança, a seguradora confiança, os indicadores de confiança, as agências funerárias confiança. Nunca mais direi: confio em ti, nunca mais tentarei forçar-te à previsibilidade, nunca mais apontarei a lanterna que deixa tudo o resto às escuras. (BLABLABLA) Preciso julihansenar a minha vida. Preciso de um homem todo stevia – quinze vezes mais doce, metade das calorias. Preciso do meu signo desperto, do meu ascendente aceso, da minha lua quente. Preciso de querer e de não querer quando quero e quando não quero. Preciso de dizer nomes de frutos tropicais. Maracujá, jabuticaba, guaraná, que são muito menos indigestos que o discurso de certos doutores. Preciso que nada do que vive seja ornamental. Preciso de todas as cenas de amor disponíveis no youtube, para saber como se faz.

Já te disse que a paixão é uma interminável semente para a morte? A sobriedade de que padeço já vai parecendo castigo. Quando não aguento mais, cuspo-lhe frases para a cara. Como suportar esta brandura? O meu corpo é um cavalodadá que tropeça nas patas. A vida agora é um longo equinócio cuja corda eu atravesso sem nada nas mãos. Desde que virei quântica, nada me segura. Antes eu atravessava o tempo com a balança numa mão e a espada na outra. Montada nos ápices, regozijava em cada after. Mãos atadas para o comércio do estável.

(deixa de ler)

Laura: Escrevi isto na noite da sublevação, até acabar a lenha. Pensava que era o Paul Bowles, tomava Turbenthal pela costa de Weligama.

Ernesto: É bonito o que escreveste.

Laura: O potencial de silêncio desta terra ainda está por revelar. Nada se esclarece. Qualquer coisa que eu diga, toda a gente ouve. Mas nada me revela.

Ernesto: A mensagem dizia que te apetecia estar comigo, era só isso.

Laura: Muito do que faço é-me directamente ordenado sabe-se lá de onde, não são coisas que eu possa decidir e é por isso que não são erros. Só aquilo que eu decido é que corre mal. Estou a dizer coisas contraditórias? Já não estou habituada a falar. Em Turbenthal ninguém fala a minha língua. Estou sozinha. Sempre que encontro alguém que me percebe, conto-lhe tudo. Preciso de me ver livre da rama, libertar os acessos para chegar ao fundo.

Ernesto: Haverá um fundo?

Laura: Acho que o fundo de uma pessoa é como o fundo do universo: nunca ninguém o viu mas tudo se inclina para lá. Se eu fosse poeta teria poder de síntese e não precisaria de me explicar. Seria mais feliz e talvez tivesse certezas. Mas, quando estou calada, não tenho a certeza de nada. E o problema é que em Turbenthal só se pode estar calado. As árvores respondem sempre a mesma coisa, o rio diz a mesma frase a cada estação, as aves, o vento, a lama, os cães, é sempre o mesmo hino.

Ernesto: Se a resposta for sempre a mesma, a certa altura deixamos de a ouvir.

Laura: Nada me traz notícias da verdade. Não posso confiar numa voz que ninguém escuta – a minha, em Turbenthal. Na cidade eu estava a abarrotar de pela-rama, transbordava iluminações precárias, bolsava e só emagrecia. Não me faço entender? É que eu tinha um público. Na cidade só há exterioridade, só há fora, as pessoas só existem na rua – e é por isso que ficam tão infelizes quando estão em casa. É como se o interior lhes tirasse o ser.

Ernesto: Estar casa é o mesmo que estar em causa.

Laura: Sim. Mas em Turbenthal nada vem de fora. Nada. Só ao princípio, quando o sol é grande e caem co'a calma as aves. Depois, quando uma pessoa percebe que não há cura, que não se está no fundo do poço, mas que se é o próprio poço, ainda por cima um poço sem fundo, a relação com o ser, com o ser dentro de si e dentro da casa, muda de termos. Convenhamos: não há nada na natureza que não seja humano. Pelo menos é assim que eu penso. Podia dizer isto de muitas maneiras e nenhuma seria a mais justa.

Ernesto: Como é que o texto acaba?

Laura: (lê) Antes de me dizer vamos para a cama, já é tarde, o Ernesto disse-me que o deserto é interior. Eu não queria ir para a cama, não tinha nada para dormir. Saio da cama, fico dentro do quarto. Saio do quarto, fico dentro de casa. Saio de casa, fico dentro do jardim, atravesso o portão, fico dentro da floresta, de maneira que nunca estou fora e deprimido. Se continuar a engolir-me desta maneira, mais dia, menos dia viro supernova.

JOANA NÃO VEM

José Manuel Batista



Joana não vem

José Manuel Batista

Um homem encontra-se dentro do castelo. À chegada do público, abeira-se da janela. Olha até que reparem nele. Desaparece por momentos. Volta a aparecer.

Homem: Mas que vem a ser isto? Invasão de propriedade? Eu já vos digo como é!

O encenador que está no exterior misturado com o público aproxima-se.

Encenador (*Olhando para cima*): Ó senhor, nós vimos por bem. Então mas o castelo não é património nacional? Pelo menos é o que se lê nos roteiros turísticos!

Homem: Pois deixou de ser. Há quanto tempo por aqui não passam?

Encenador: Já lá vai um ror de anos. Mas também lhe digo: na altura isto estava tudo sujo, silvas por todo o lado, o castelo a precisar de conservação. Agora olhem para isto! Que bonito cenário! Dá gosto apreciar a paisagem. (*Entusiasmado*) É aqui que vamos representar. Preparem-se os atores. Fora de cena quem não é de cena.

Homem: Deixe-se de conversa fiada. Isto agora é propriedade privada. Ó Joana, anda cá mulher! Aparece alma de Deus! (*Pausa. Ninguém comparece, o semblante do homem entristece*) Se é uma excursão, vem mesmo calhar. Vieram por que estrada?

Encenador: Qual excursão! Somos um grupo de teatro, (*Fazendo pose*), não se vê pelo nosso ar, pelos nossos fatos? (*Pausa*) Tivemos de vir pela A23. O IP estava impedido à circulação a partir do Fratel. (*Lamentando*) Um papa reformas meteu-se à frente dum autocarro. O velho saiu de lá a barafustar, que a culpa não era dele, que não era dele....o maldito nevoeiro, o maldito nevoeiro, dizia.

Homem (*Desce as escadas interiores do castelo e aproxima-se da porta de entrada*): Já temos maldições que cheguem. Vamos lá a coisas práticas. Pagaram portagem?

Encenador: E bem nos custou! E ainda andam para aí a anunciar: “Faça férias cá dentro, visite o nosso património”. A encherem a boca com a cultura. A darem-nos música com a discriminação positiva e eles a irem para as ilhas Maldivas, para as praias do México e da Austrália a gozar à farta! E nós aqui no inferno, à míngua, a contar as moedas...

Homem: E têm sorte em ainda não se pagar para visitar o castelo! Mas já estou a pensar nisso. Assim que a minha mulher voltar, começamos a cobrar bilhete. (*Com algum desespero*) Eu bem chamo por ela. Não faço outra coisa em todo o dia. A ver se a vida melhora e fazemos desta torre uma residencial de quatro estrelas.

Encenador (*Aparte para o público*): À noite elas não faltam por aí.

Homem (*Aparte para o público*): Este pensa que não é possível! Não sabe que a minha mulher ainda é da família do rei Wamba. Se os senhores a vissem! Para rainha só lhe falta a coroa. Bonita que nem a flor do alecrim, cheirosa que nem perfume do rosmaninho!

Encenador: O rei Wamba é uma lenda, uma invenção literária.

Homem: Engano seu. O rei existiu mesmo. Foi o único que não descendeu das grandes famílias visigóticas, mas sim de agricultores. Um homem bom.

Ator: Ganhou muito em ser bom! (*Aparte para o público*) Um bom par de cornos. (*Desculpando-se*) Pelo menos é o que a lenda diz.

Homem: Deixemos a literatura em paz, que isso não dá comer a ninguém. Anda para aí um poeta a dizer (*Em tom irónico*): “as palavras não morrem nunca/são levadas pelos pássaros para reconstruir um país novo”¹. Querem maior tontice? Então agora as palavras é que mudam o país? Estávamos bem lixados! Estes poetas vivem nas nuvens. Lunáticos, é o que eles são. Põem-se a inventar o mundo, a pintá-lo às cores, tudo muito bonitinho. Mas as palavras são ocas.

Poeta (*Saindo do público*): Não entende que as palavras têm vida, que respiram e sentem como nós? Que são elas que guardam as coisas que um dia hão de renascer?

Homem: Renascer! Ora aí está mais uma palavra enganadora. Só a natureza revigora. Mas mesmo assim as flores já não são as mesmas, os frutos vão perdendo sabor, os ramos não têm o mesmo viço. Agora as pessoas! Deixem-se disso. Nenhum de nós cá há de voltar. Essa história da ressurreição está mal contada. Ficção é o que isso é.

Poeta (*Declama, exaltado*): “Cega-me a memória dos mortos/e as filas das oliveiras que sobem/pela encosta até às nuvens”²

Homem: A memória, a memória! Deixem-me cá rir! Isso é tudo treta. Sei que alguns de nós têm lembranças que escondem dentro de si como relíquias. Sonham que um dia tudo recomeçará. Voltaremos à idade do ouro. Ao paraíso inicial. Tudo conversa fiada. (*Consternado*) Eu bem o sei.

Poeta: Acredite homem, acredite! Tudo o que parte um dia regressará por outra forma.

Homem: Ora aí está a mentira sub-reptícia: “Por outra forma”. Mas de que é que isso nos serve? A minha Wamba ora me aparece no cume das portas a grunhir como um javali ou em saltos graciosos de corça. Bonito de vê-la é quando se transforma em águia e plana sobre o castelo como uma asa delta. E eu cá em baixo a acenar-lhe. “Volta, volta”. Mas nada a fazer!

Poeta: E em peixe, nunca lhe apareceu?

Homem: Houve um tempo em que era carpa. Furava as águas e emergia em saltos acrobáticos, a reluzir como um espelho. Mas acha que ela é parva ou quê? Não vê como está a água? A Joana não tem espírito suicida. Por vezes surgia-me em foca, toda espandeirada na ilha, frente à Fonte das Virtudes, a

apanhar banhos de sol. E eu a berrar-lhe cá de cima “Cuidado com o sol. Põe um chapéu”.

Poeta: E agora que bicho é?

Homem (*Lamentando*): Nunca mais a vi. De noite parece-me ouvir a voz dela. Saio do castelo e ponho-me a chamá-la como um louco. E ainda me falam em esperança, ciclos de vida, recomeço. Patranhas. Ilusões. (*Volta-se para o público*) Olhem para aquele conhal! Em tempos remotos os homens suaram como escravos para extrair ouro das entranhas do rio. Que é feito dessa riqueza? Tudo abandonado, como vêm! Um cemitério de pedras.

Encenador (*Intrmete-se na conversa*): Mas o texto...

Homem (*Irritado*): Mas o quê?

Encenador (*Receoso*): ... a arte da representação pode levar-nos para esses tempos primeiros. Aquele santuário está cheio de história...

Homem: Só faltava mais este! Não bastavam já os poetas. Gente sonhadora! (*Aparte para o público*) Para não dizer imbecil. Leem tanto, pensam tanto, estudam tanto e não sabem nada da vida. E depois vêm para aqui dar-nos tanga com palavras inventadas...

Poeta (*Indignado*): Cuidadinho ao falar das palavras!

Homem: Coma-as ao pequeno almoço, ao almoço e ao jantar em dose redobrada (*Com ironia*). Vai ver que nem no defunto Pombalinho lhe davam melhor emento.

Poeta (*Sonhador*): Pombalinho! Isso agrada-me. Faz-me lembrar as aves que volteiam no azul ...

Homem: Alto lá! Basta de poesia. (*Aparte*) Porra para estes gajos! (*Voltando-se para eles*) Vamos lá ao que interessa! O que é que os senhores vêm aqui fazer? Que produto turístico é que desejam? Banhos no Tejo, escalada, observação de aves, passeios na natureza, visita ao castelo? Estou a preparar um pacote de ofertas a preço imbatível. (*Sonhador*) Assim que a minha Joana voltar....

Encenador: Posso dar-lhe lições de dicção, sugerir-lhe adereços, expressão corporal, estratégias de sedução do público...

Poeta: E eu as palavras....

Homem: Merda! Lá vem este outra vez com as palavras. Parece um disco riscado. Estou farto destes tipos (*Volta-se para o público de onde sai uma mulher que se aproxima dele*).

Romeira: Lembra-se de mim?

Homem: A cara não me é estranha, mas esse cabelo!

Romeira (*Saudosa*): Vinha aqui todos os anos com a minha mãe pelo 15 de agosto à festa da Senhora do Castelo. Partíamos a pé do Marmelal um dia antes e aqui dormíamos numas casinhas. O teto era feito de ramos de árvores

e não tinham porta. De Vilas Ruivas traziam borrego cozinhado e água com que enchiam as talhas da sacristia da capela. Eu era muito devota. Até fiz uma promessa.

Poeta: Que bucólico!

Encenador: Já estou a imaginar a procissão....

Homem (*Olha-os exasperado. Volta-se para a mulher*): Parece que a estou a reconhecer. Essa cara!

Romeira: Lembro-me bem que também faziam aqui acampamentos militares. Houve um ano em que foi a tropa que pagou a festa. Assistiram à missa e à procissão. (*Sorrindo com vergonha*) A reza ficou mal feita, mas os nossos olhos ficaram bem regalados!

Homem: Esse cabelo!

Romeira: Agora está tudo abandonado. As casas ruíram e até as pedras levaram. Só não levaram o castelo porque dava muito nas vistas. (*Segurando a peruca*) Se quer que lhe diga, até a fé sumiu. E eu que era tão crente! O que eu rezei, os caminhos que palmilhei, as velas que queimei. (*Pausa. Dececionada*) E o cabelo...

Homem: O cabelo! (*Espantado*) Já me lembro! És a romeira careca (*Retira-lhe a peruca gargalhando*).

Romeira (*Sai de cena com as mãos na cabeça, lamentando-se*): O que eu rezei, o que eu rezei...

Homem (*Para o público*): Também eu rezo para que a minha Joana volte, mas a santa não me ouve. A minha dor é grande, a minha alma sensível. Assanha-se-me cá dentro um ciúme ruim.

Poeta: Ciúme?

Encenador: Ruim?

Homem: É uma maneira de dizer. Ela nunca me foi infiel. E mesmo que o fosse eu havia de lhe perdoar. Não sou como o outro que mandou a mulher pela ribanceira abaixo. Cada vez que falo em ribanceira a minha mente turva-se. (*Pausa. Pesaroso*) Desde que a minha Joana leu aquele maldito poema nunca mais foi a mesma.

Poeta: Poema! Qual poema?

Homem: Só sei que foi uma mulher com nome de qualquer coisa Gato ou Gato qualquer coisa que o escreveu. Do piorio! Deu cabo da cabeça da minha Joana. Feminista é o que ela é. A defender a adúltera. Agora a culpa é do amor! Parece o Camões. E ela tomou-se de ideias, nem sei que lhes diga. Só estava bem a dizer o poema, de noite e de dia. Aquilo tornou-se insuportável.

Poeta: Mas o que diz o poema?

Homem: (*Reflexivo*) Aí é que está a questão. Ora se já havia uma lenda porque é que aquela Gato ou Gata havia de mudar o texto e pôr-se a defender a rainha?

Adúltera é adúltera tanto naquele tempo com agora. O amor serve de desculpa para tudo, tem as costas largas. O pior é que a maldição permanece e não há volta a dar-lhe. Mulheres honradas e cavalos regalados ainda se arranjam. Mas padres coroados!

Encenador (*Sonhador*): Essa versão da lenda interessa-me. Já estou a ver o cenário natural, o Tejo lá em baixo a murmurar, a luz pálida do fim de tarde, o silêncio das pedras...

Poeta: Mau, mas afinal quem é aqui o poeta! Preocupa-te lá com a encenação e deixa as palavras para mim.

Faz-se silêncio. Joana entra desgrenhada, a roupa com indícios de pelagem felina, a cantar à capela o poema de Margarida Vale de Gato³

1. Excerto do poema *Paisagem*, criado por Jaime Rocha no «Poesia, um dia» 2013
2. Excerto do poema *A partir de Ruy Belo in Palavra(s) de Lugar*, criado por Jaime Rocha no «Poesia, um dia» 2012
3. Poema *A Ribanceira da Vamba*, criado por Margarida Vale de Gato no «Poesia, um dia» 2014



ESTEVAS E MATO

Ana Freitas



ESTEVAS E MATO

Ana Freitas

Cena 1

Ela com o marido.

Ele – O que é que tens?

Ela – Nada.

Ele – Estás diferente...

Ela – Estou mais velha!

Ele – Não é isso. Parece que não estás cá...

Ela – Estou aqui ao teu lado, como sempre estive.

Ele – Trouxe-te este vestido bordado. É do melhor que se faz em Espanha. Gostas?

Ela – É bonito.

Ele – Queres vesti-lo?

Ela – Primeiro tem de ser arranjado à minha medida.

Ele – E eu, sou à tua medida?

Ela suspira.

Ele – Dantes esperavas-me à janela quando voltava. Via a tua silhueta ao longe. De longe começava a sorrir. Queria dizer que tinha finalmente chegado a casa.

Ela – Não te esperava tão cedo.

Ele – Não me esperavas... Está bem. Vens-te deitar?

Ela – Já vou, ainda não tenho sono.

Ele – Não te demores. Tenho saudades tuas. Sabes que sonhei contigo todas as noites em que aqui não estive? Mas não eram sonhos bons... Sonhava que estavas com outro.

Ela – Aqui não há ninguém. Mesmo que quisesse era impossível.

Ele – Há sempre alguém...

Ela – Isso são coisas da tua cabeça. É um receio teu.

Ele – Já sonho com isto há algum tempo. Parece-me tão real, sinto uma tal raiva, um tal ódio que parece que vou rebentar!... Depois acordo e sinto-me aliviado por ter sido só um sonho.

Ela (dando-lhe um beijo na testa) – Precisas de descansar. Dorme bem!

Ele (agarra-a subitamente pelos braços) – Tu sabes que eu olho para ti da mesma maneira como quando nos casámos?

Ela – Sim, eu sei. Agora descansa.

Cena 2

Ela perto de uma falésia.

Quero ficar aqui e nunca mais daqui sair. Não imagino outro lugar onde queira estar. Quero fundir-me nestas pedras. Estava precisamente aqui quando te vi pela primeira vez. Tocavas. Tomaste-me por uma pastora. Acenaste. Voltámos aqui nos dias seguintes. Eu dum lado e tu do outro. Para nos olharmos, para estarmos, para sermos. Gostava de passar aqui o resto dos meus dias. Ficar aqui ancorada. Não me importo que me vejam. “Mas que raio vê ela?” “O que é que ela tanto lá vai a cheirar?” Dizem que tenho visões. Ou que falo com os meus antepassados. Se os antepassados falassem, não o fariam num lugar qualquer? Precisariam de um lugar cativo? Quero ser engolida por estas pedras. Ficar em silêncio, quieta.

Já não sou a mesma, quase não me reconheço. Ficaste com uma parte de mim. Dei-ta. Faz com ela o que quiseres. Guarda-a. Mas em vez de me sentir diminuída, sinto-me mais plena, cheia. Acho que é a primeira vez que me sinto assim e com esta idade... Sinto-me mais bonita do que quando era muito nova. Será? Isso que importa...

As circunstâncias não o permitiam. Jamais o permitiriam. Terá sido o abismo que me atraiu? Será o perigo iminente o que me faz sentir viva? Que coisa, quando estou mais próxima da morte é quando me sinto mais viva... Foste tu que me avivaste. De repente tudo mudou. Aquilo que me era indiferente fez de repente sentido. E tudo importava, como quando era criança. Um entusiasmo vindo não sei de onde apossou-se de mim. A ânsia de chegar ao dia seguinte...

Da outra vez que te vi assustei-me. Pensei que estava ali sozinha. Tentei correr e caí. Limpaste-me a lama das mãos, dos braços e da cara com aquela água morna. No dia seguinte parecia rejuvenescida, não sei se da água, se das tuas mãos. Das tuas mãos, com certeza.

Tive de lhe contar. Perdoa-me. A culpa estava a consumir-me. Pesava-me tanto como pesam estas pedras. Mais ainda. Ele reagiu com uma estranha calma, como se sempre tivesse sabido. Avizinha-se a ira, sinto-o. Quando voltares encontrar-me-ás aqui.

POESIA UM DIA 2016 | 5ª EDIÇÃO
BMJBM VVR

FICHA TÉCNICA

Título: Teatro na paisagem

Autores: Jaime Rocha, Catarina Barros, José Manuel Batista e Ana Freitas

Conceção gráfica e edição: Município de Vila Velha de Ródão

Tiragem: 250 exemplares

Data de edição: setembro de 2016

Os textos apresentados nesta publicação foram criados na residência de escrita e dramaturgia «Teatro na Paisagem», orientada pelo escritor Jaime Rocha, pelo encenador Mário Trigo e pela atriz Ana Amorim. A iniciativa foi promovida pela Biblioteca Municipal José Baptista Martins, em março de 2016, e contou com o apoio do empreendimento turístico Herdade da Urgueira.

